

ECOS DE UM CORPO URBANO: A FOTOGRAFIA COMO ESCRITA ESTÉTICA DA PAISAGEM CULTURAL DE ASSÚ RN.

Marcos Vinicius de Oliveira Santos¹

(Graduado em Geografia, UERN-CAA, (84) 9 9921-5715,
e-mail, mvos131518@gmail.com)

Marieli Jamily de Souza²

(Graduada em Geografia, UERN-CAA, (84) 9 9674-9215,
e-mail marielijamily262@gmail.com)

RESUMO

Este trabalho propõe uma reflexão crítica sobre a paisagem urbana do centro de Assú-RN, utilizando a fotografia como escrita estética de análise, a fim de destacar sua importância. A pesquisa tem como objetivo geral utilizar a fotografia de paisagens urbanas como instrumento para a preservação da memória. Nosso estudo segue uma abordagem qualitativa, com revisão bibliográfica e produção de um ensaio foto-etnográfico. Quatro imagens foram selecionadas e organizadas, trazendo um olhar comparativo entre casarões em ruínas e edificações revitalizadas. A fim de despertar no leitor uma observação atenta sobre tempo, memória e transformação. Os resultados evidenciam o abandono do patrimônio, os riscos à memória coletiva e a urgência de preservação cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Paisagem; Patrimônio; Memória; Fotografias; Preservação.

GT1: Estudos Urbanos

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho foi desenvolvido a partir de questionamentos que surgiram ao observarmos as construções antigas que compõem a paisagem urbana da cidade de Assú-RN, sendo estas carregadas de memórias de um povo que transmite através desses patrimônios a importância de conservar a sua própria história. Contudo, a maioria destas construções encontram-se à beira do risco iminente de deterioração por falta de medidas providas da gestão pública e privada que atendam as necessidades de manutenção frequentes.

Neste contexto, levantamos a seguinte questão: de que forma as construções do passado ainda presentes na paisagem urbana podem ser compreendidas a partir das fotografias como expressão de valorização da memória coletiva? Levando isso em consideração, nosso estudo tem como objetivo geral utilizar a fotografia de paisagens urbanas como instrumento para a preservação da memória, tendo como objetivos específicos (a) Compreender a relação entre imagem e paisagem como um resgate da memória presente nas construções urbanas. (b) Refletir por meio da fotografia as diferentes transformações que se sucederam sobre alguns casarões do centro da cidade de Assú-RN. (c) Problematicar a falta de políticas para preservação de construções históricas a partir da observação da paisagem urbana.

Esta pesquisa possui caráter qualitativo, com revisão bibliográfica e a produção de um ensaio foto-etnográfico¹. Estruturamos o referido trabalho em dois tópicos: no primeiro discutimos brevemente o conceito de paisagem utilizando alguns autores clássicos da Geografia, em seguida propomos uma reflexão sobre a fotografia e sua relevância enquanto um meio capaz de eternizar memórias. No segundo, nos debruçamos sobre a importância de conhecer um pouco da história da cidade por meio dos casarões e enfatizamos a falta de medidas de preservação desses patrimônios arquitetônicos, seguido, respectivamente, pelas considerações finais.

2 BREVE OLHAR SOBRE O CONCEITO DE PAISAGEM.

O conceito de paisagem ocupa um lugar relevante na Geografia desde os seus fundamentos enquanto ciência. Ao longo do tempo, diferentes autores têm abordado a paisagem sob múltiplas perspectivas, que, embora distintas em seus enfoques, tendem a se complementar nas leituras contemporâneas. Essas abordagens evidenciam a evolução do conceito no pensamento geográfico.

Em seu texto clássico *A morphology of landscape* publicado em 1925 Carl Ortwin Sauer, traz uma perspectiva de junção ao conceito de paisagem abordando a ação antrópica como agente modelador das formas da natureza. Para Sauer (1925) existem graduais sobreposições nas paisagens, o autor divide a paisagem natural da cultural colocando que “A paisagem natural está sendo submetida a uma transformação nas mãos do homem, o último e, para nós, o mais importante fator morfológico. Por meio de suas culturas, ele faz uso das formas naturais, alterando-as em muitos casos e destruindo-as em alguns” (Sauer, 1925, p. 207) Nesta perspectiva, a paisagem é concebida aqui como uma mescla entre as formas naturais e culturais, estando em um “processo constante de desenvolvimento ou dissolução e substituição” (Sauer, 1925, p. 199)

Já para o geógrafo francês Augustin Berque (1984), a paisagem não deve ser compreendida apenas a partir da dualidade entre o natural e o cultural, mas também por meio de outra distinção conceitual proposta por ele: a paisagem-marca e a paisagem-matriz. Segundo

¹ O ensaio foto-etnográfico é uma abordagem que une observação do cotidiano e registro fotográfico. Busca compreender aspectos culturais, sociais e espaciais de um lugar. Por meio das imagens, o pesquisador interpreta e reflete sobre a realidade observada. No nosso caso, a captura dos prédios históricos presentes na paisagem urbana de Assú-RN.

o autor, a paisagem é, ao mesmo tempo, uma marca na medida em que expressa a identidade dos grupos humanos e os vestígios deixados pelas civilizações em determinados territórios, e uma matriz, pois ela molda a percepção, os valores e as formas diversas pelas quais os indivíduos e sociedades se relacionam com o mundo. Dessa forma, a paisagem é simultaneamente resultado e condição das experiências humanas.

Segundo Cosgrove (1989), a paisagem não é apenas um recorte do espaço visível, mas um conjunto de significados tecidos pela cultura de uma sociedade. Em seu tecido simbólico, inscrevem-se sentidos diversos, lugares elevados à condição de sagrados, espaços marcados por distinções de classe, territórios nomeados a partir de olhares que refletem e reforçam hierarquias sociais. Essas nomeações, longe de serem neutras, moldam a paisagem cultural e participam ativamente da configuração dos modos de vida que nela se desenrolam, revelando a paisagem como expressão viva das práticas e imaginários sociais.

Cauquelin (2007) coloca que as “Pinturas, escultura, fotografia, vídeo e trilhas sonoras compõem paisagens mestiças, híbridas, nas quais o espectador se sente imerso” (Cauquelin, 2007, p. 15). Nesse contexto, manifestações artísticas, como a fotografia, emergem como formas potentes de representar e ressignificar essas paisagens, capturando suas camadas visíveis e simbólicas, e evidenciando o entrelaçamento entre paisagem, cultura e percepção.

2.1 FOTOGRAFIAS: RELICÁRIO DE MEMÓRIAS.

A fotografia, com o passar do tempo, tem se mostrado uma ferramenta proveitosa para a análise das dinâmicas espaciais, considerando o poder que ela tem de revelar aspectos das paisagens urbanas. Segundo Rios, Costa e Mendes (2016), a leitura e interpretação crítica dessas imagens é de grande importância.

Essa importância atribuída a “ler”, produzir e interpretar criticamente a linguagem visual permitiu transformar a perspectiva imagética em mais do que simples “realidade objetiva”, porém instrumento do cientista social para entender os significados engendrados pelas imagens, suas formas de produção e mediação de sentido. (Rios, Costa e Mendes, 2016, p. 103)

Nesse contexto, a fotografia assume notória relevância no âmbito das pesquisas qualitativas em ciências humanas, sendo igualmente significativa para a ciência geográfica. A análise da paisagem urbana por meio de imagens fotográficas oferece possibilidades relevantes para a produção científica. Entendemos que a leitura crítica da fotografia contribui para a

identificação de aspectos menos visíveis ou até mesmo negligenciados nos espaços urbanos. Além disso, destacamos seu valor como ferramenta metodológica, capaz de registrar transformações e de evidenciar tanto mudanças quanto permanências nas paisagens.

Podemos ainda considerar outro prisma para a fotografia: a memória. Fotografia e memória caminham juntas, na medida em que “Também na fotografia, o espaço e o tempo cravados no recorte são elementos indissociáveis, são marcas indelévels à sua construção. É de vital importância a sua rememoração” (Felizardo e Samain, 2007. p 215) Desse modo, as paisagens urbanas retratadas em fotografias, sejam antigas ou contemporâneas, nos convidam a percorrer as alamedas das recordações. Permitem-nos vislumbrar os ecos persistentes do passado, que ressoam sobre as ruínas de construções históricas, lentamente consumidas pela ação impiedosa do intemperismo e do esquecimento. Neste sentido, concordamos novamente com Felizardo e Samain (2007) quando colocam:

Fotografamos a vida, a arte, a morte, o acabado e o inacabado. Fotografamos para ver depois, para sentir o que sentimos no instante da captura, sentir o próprio momento passado no presente [...] Assim como a fotografia, a memória também recria o “real”. Portanto fotografia é memória e com ela se confunde. É o que nos permite até viver. (Felizardo e Samain, 2007. p 218)

Em meio às mudanças frenéticas da sociedade, que se refletem nas constantes transformações das paisagens urbanas, a fotografia surge como um instrumento de resistência e reconstrução das identidades urbanas. Ela pode nos oferecer testemunhos visuais com apenas um *click*. Fotografar, neste sentido, é construir um relicário que guarda a memória e revela as mudanças inscritas na paisagem.

3 A PAISAGEM URBANA DA CIDADE DE ASSÚ-RN: UM REFLEXO DO PASSADO E PRESENTE A PARTIR DAS CONSTRUÇÕES ANTIGAS.

Ao olhar para as cidades nos deparamos com uma paisagem urbana complexa e em constante transformação que carrega significados, memórias e marcas deixadas pelo tempo. De acordo com Coelho (2009) a paisagem é um “fenômeno visível” que permite observar a cidade em seus diversos aspectos sociais, econômicos, culturais e materiais. Além disso, a paisagem também é uma construção histórica que integra a relação sociedade-natureza ao “expressar diferentes momentos de ação de uma cultura sobre o espaço que também é uma cumulação de tempos” (Coelho, 2009, p. 2). Dessa forma, possibilitando um olhar mais amplo sobre as mudanças sofridas no meio.

Nesse contexto, compreendemos que cada cidade guarda uma identidade visual única, estando envolta por construções antigas e modernas que revelam a passagem do tempo sobre suas formas, alterando-as e “fazendo com que a cidade esteja constantemente se refazendo” (Coelho, 2009, p. 4). Consequentemente o mesmo acontece com a paisagem urbana que não é algo acabado, ou seja, as formas materiais podem mudar e serem substituídas, porém a paisagem não se esgota (Coelho, 2009).

Segundo Dos Santos e Dos Santos (2021, p. 42555) a paisagem é “o processo visível e material de tudo aquilo que é transformado, modificado e ressignificado. É a partir dela que percebemos e experimentamos o mundo ao redor” por isso, ao analisarmos essa categoria podemos notar as mudanças que se sucederam até chegarmos na contemporaneidade mas também as permanências deixadas por um estilo arquitetônico diferente do que encontramos nos dias atuais. Desse modo, passado e presente podem ser experienciados simultaneamente.

Partindo dessa discussão, este trabalho tem como recorte espacial o centro urbano da cidade de Assú que fica localizada na mesorregião do Oeste potiguar do Estado do Rio Grande do Norte. Por ser uma cidade antiga da região é possível identificar alguns prédios, casarões e sobrados que se destacam pela sua arquitetura de época ao permanecerem firmes apesar dos anos.

Essas construções guardam memórias em suas paredes desgastadas, assim como também compõem a paisagem e servem de registro histórico acerca dos acontecimentos que marcaram o povo assuense. Segundo Medeiros (2006) ao se basear nos estudos de Amorim (1982) a cidade em questão teve um importante desenvolvimento entre os séculos XVII, XVIII e XIX voltado para o comércio, que por sua vez representou em suas edificações a prosperidade daquele momento.

Situadas nesse local, onde o núcleo urbano iniciou a sua constituição, as edificações de características coloniais e ecléticas encontram-se ora em conjunto, ora separadas por novas construções, que foram acrescentadas ou que substituíram as antigas, indicando uma continuidade no processo de evolução urbana do lugar (Medeiros, 2006, p. 20).

Nessa perspectiva, evidenciamos na cidade de Assú-RN várias características nas edificações que referem-se ao estilo do período colonial como a Matriz de São João Batista. As mudanças na paisagem urbana podem ser percebidas através das imagens fotográficas que conseguem capturar momentos congelados no tempo. É possível estudar sobre uma sociedade,

a formação de cidades e a cultura local expressada por meio de uma fotografia, pois a imagem pode nos revelar o que deixou de existir, assim como o que ainda resiste.

3.1 PATRIMÔNIO EM RUÍNAS: A IMPORTÂNCIA DE PRESERVAR PRÉDIOS HISTÓRICOS.

É interessante notar que a cidade de Assú-RN mantém significativas construções que resistiram à ação do tempo e são consideradas patrimônios arquitetônicos e culturais, pois possuem um valor inestimável para os assuenses. Contudo, é evidente que boa parte desses prédios antigos se encontram em ruínas por falta de políticas que visem a sua preservação. A partir disso, foi realizada uma atividade de campo no centro da cidade, com o objetivo de construir um ensaio foto-etnográfico, buscando observar algumas construções importantes que compõem a paisagem urbana.

Segundo Medeiros (2006, p. 44) “A cidade é o principal palco da vida social na atualidade, sendo produto de uma série de sentimentos e intenções, características e pormenores que, juntos, são responsáveis pela sua imagem e significado”. Ou seja, quando paramos para observar os detalhes que estão ao nosso redor, percebemos que a cidade é dinâmica e possui uma complexidade de relações entre sujeitos e objetos que por sua vez, a torna um palco de vivências individuais e compartilhadas.

Para Lapis (2017, p.12) “o patrimônio não é só um bem em si, mas também o uso que aquele bem tem para a perpetuação da memória de uma coletividade, pois o patrimônio histórico não é algo concreto somente, é algo também subjetivo, cheio de significado” ou seja, não são apenas construções velhas, são relíquias deixadas pelo passado e que trazem consigo recordações afetivas. Ainda segundo Lapis (2017) os patrimônios representam simbolicamente a identidade e memória de um povo, gerando a ideia de propriedade pública sobre esse conjunto de bens culturais que passam a ser valorizados por sua importância histórica.

De acordo com informações encontradas no blog *Assú na ponta da língua* do renomado historiador da região Ivan Pinheiro.² Apesar do grande acervo arquitetônico na cidade de Assú-RN, fatores como a má administração municipal e até mesmo a falta de conscientização da

² Materia do blog *Assú na ponta da língua* sobre o Sobrado da Baronesa
http://assunapontadalingua.blogspot.com/2016/05/historia-do-assu_6.html?m=1

população acerca da importância de preservar e conservar esses prédios históricos pode acelerar a deterioração e por um fim a essa herança de séculos.

O prédio apresentado na figura 1 é um exemplo nítido do descaso com a memória da cidade. Em completo estado de deterioração, a construção não recebe atenção nem da esfera pública, tampouco da iniciativa privada. Localizado no centro, a poucos metros da igreja matriz, o referido casarão, segundo informações obtidas em reportagens locais, faz parte de uma herança repartida entre várias pessoas. Essa situação torna o processo de recuperação e revitalização ainda mais difícil, pois qualquer intervenção na estrutura física do imóvel exige o consenso de todos os herdeiros.

Figura 1 - Casarão em declínio no centro de Assu.



Fonte: Santos e Souza (2025)

Uma reportagem local, publicada em 24 de julho de 2023 no site *Assú Todo Dia*, por meio de seu canal no *YouTube*³, mostrava as condições da estrutura do casarão e o receio dos moradores que vivem ao seu entorno. A preocupação era de que, devido ao avançado estado de deterioração, pudesse ocorrer um desabamento, atingindo imóveis vizinhos ou, pior ainda, colocando em risco a vida de pessoas. Recentemente, novas reportagens confirmaram que, de fato, ocorreram desabamentos. *A TV Princesa 90 FM*⁴ em reportagem do dia 16 de abril de 2025 e a *TV Assú*⁵ no dia 23 do mesmo mês, divulgaram imagens e informações detalhadas sobre o ocorrido.

É evidente, a partir da observação da paisagem, a existência de uma negligência em relação ao referido patrimônio histórico, o que resulta não apenas na perda de sua memória

³ Reportagem do dia 24 de julho de 2023: [Patrimônio arquitetônico de Assú está se transformando em ruínas com o passar dos anos](#)

⁴ Reportagem do dia 16 de abril de 2025: [Parte de casarão centenário desaba no centro de Assú.](#)

⁵ Reportagem do dia 23 de abril de 2025:
https://www.instagram.com/reel/DIzDhrCJ_Gv/?utm_source=ig_web_copy_link

cultural, mas também em um nível considerável de periculosidade. O estado de abandono representa um risco tanto para a integridade das construções vizinhas quanto para a segurança das pessoas que circulam ou residem nas proximidades. Destacamos novamente que o casarão está localizado em pleno centro da cidade, uma área de grande circulação, especialmente em períodos festivos, como as comemorações do São João, o que potencializa ainda mais os riscos envolvidos.

Diferente desta realidade, o Sobrado da Baronesa representado pela figura 2 que se tornou a Casa de Cultura Popular do Assú em 2003 e o Cine-Teatro Dr. Pedro Amorim são edificações em destaque na paisagem assuense, tendo em vista que foram algumas exceções a passarem por revitalizações e continuarem abertas ao público. Ainda de acordo com as informações retiradas do blog *Assú na ponta da Língua*, Ivan Pinheiro relata que esses prédios fizeram parte de momentos marcantes da história da cidade, como o banquete realizado no sobrado da Baronesa de Serra Branca em 1885, e destinado aos escravizados que foram libertos antes da Lei Áurea. Com cerca de 200 anos, o prédio também recebeu a visita de figuras importantes na história do país, como o presidente Getúlio Vargas.

Figura 2 - Sobrado da Baronesa
(Atual casa da cultura)



Fonte: Santos e Souza (2025)

Já o Cine-Teatro, apresentado na figura 3, também foi revitalizado. Segundo informações extraídas do site *Tribuna do Norte*⁶, o prédio idealizado pelo Coronel Francisco Martins, foi construído em 1930 com o intuito de valorizar as manifestações artísticas e

⁶ Materia do site *Tribuna do Norte* sobre a revitalização do Cine-Teatro:
<https://tribunadonorte.com.br/viver/o-passado-de-assu-restaurado/>

culturais na cidade que é conhecida por ser a *Terra dos Poetas*. Assim proporcionando entretenimento para os assuenses com apresentações de teatro, música, e exibição de filmes. No entanto, o prédio ficou fechado por anos e sem os devidos reparos acabou se deteriorando. Nesse contexto, depois de muitas tentativas, um projeto de recuperação foi iniciado em 2010 para que a obra fosse realizada. Com um orçamento de 1,5 milhão, o valor foi patrocinado pela Petrobras por meio da lei Câmara Cascudo de Incentivo à Cultura.

Figura 3 - Cine-Teatro



Fonte: Santos e Souza (2025)

Contudo, apesar das revitalizações, percebemos através da observação em campo, que os prédios históricos precisam de manutenção constante. No entanto, isso não acontece, fazendo com que sua deterioração ocasione problemas estruturais irreversíveis nas construções. Temos como exemplo disso, a Casa da Cultura, que possui alguns cômodos e andares inacessíveis em razão do risco iminente de acidentes.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.

A paisagem, discutida neste trabalho, é mais do que uma composição visual, é uma construção simbólica, impregnada de memórias, vivências e sentidos. Os casarões antigos do centro de Assú-RN observados durante o campo revelam marcas do tempo persistentes. Janelas, portas, frestas e tijolos contam histórias, mesmo diante de olhares banhados em esquecimento e ausência. A fotografia, nesse processo, não foi apenas instrumento de registro, mas uma forma de leitura crítica da paisagem, permitindo enxergar o que, aos poucos, se desfaz e grita por atenção.

Por fim, constatamos que muitas das construções históricas não recebem revitalizações constantes, e que isso compromete tanto a integridade física quanto a simbólica desses espaços.

A escassez de pesquisas na área tornou evidente a urgência de mais estudos que se dediquem ao resgate e à problematização da memória urbana. Além disso, as informações sobre o processo de tombamento encontram-se vagas e confusas em portais oficiais da prefeitura. Assim, deixamos um questionamento que nos atravessou durante o processo de construção desta pesquisa: Para além de fotografar o que está sumindo, que outras estratégias podemos adotar para conservar a memória destes casarões, impedindo que se torne apenas *ecos* silenciosos em *fotografias* antigas?

REFERÊNCIAS

BERQUE, Augustin. **Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural**. Geografia Cultural: uma antologia, (1), p. 239-244, 2012.

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: M. Fontes, 2007.

COELHO, Letícia Castilhos. **A paisagem na fotografia, os rastros da memória nas imagens**. GPIT: Grupo de Pesquisa Identidade e Território, 2009.

COSGROVE, Denis. **A geografia está em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. Geografia Cultural: uma antologia, v. 1, p. 219-237, 2012.

DOS SANTOS, Isabella Ayezze Veloso; DOS SANTOS, Isabôhr Mizza Veloso. **Paisagem e Geografia: Leituras Fotográficas do ontem e do agora da cidade de Ituiutaba (MG)**. Brazilian Journal of Development, v. 7, n. 4, p. 42553-42571, 2021.

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. **A fotografia como objeto e recurso de memória**. Discursos Fotográficos, v. 3, n. 3, p. 205-220, 2007.

LOPIS, Erivania Azevedo. **Patrimônio histórico cultural: preservar ou transformar? Uma questão conflituosa**. Mosaico, v. 8, n. 12, p. 9-23, 2017.

MEDEIROS, Renato de. **Um olhar sobre o patrimônio histórico-arquitetônico de Assú/RN: análise com base na percepção dos usuários e no ponto de vista técnico**. 2006. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

RIOS, Sadraque Oliveira; COSTA, Jean Mario Araujo; MENDES, Vera Lucia Peixoto Santos. **A fotografia como técnica e objeto de estudo na pesquisa qualitativa**. Discursos Fotográficos, v. 12, n. 20, p. 98-120, 2016.

SAUER, Carl. **A morfologia da Paisagem**. Geografia Cultural: uma antologia. Eduerj, 1998. v. 1, p. 182-214.
